

O cacau na produção científica lusa em fins do século XVIII: notas de pesquisa

Alexandre S. Santos¹

O século XVIII foi marcado na Europa pelo apogeu das Luzes, esse movimento intelectual resultou em uma renovação do conhecimento, envolvendo indivíduos e instituições, sendo, em grande medida, promovido pelo Estado (DOMINGUES, 2001, p. 824). O ensino foi impactado pelas novas ideias e a História Natural ganhou ênfase. Por meio de viagens filosóficas, os estudiosos buscavam realizar um inventário da natureza e dos povos e, para tanto, percorreram os mares e as terras com equipes de jardineiros e artistas (RAMINELLI, 2008, p. 97).

A pesquisadora Lorelai Kury (2004, p. 110) aponta que nesse período configuraram-se redes de informações sobre os diversos climas e populações do globo, capitaneadas pelas duas grandes potências coloniais do período, França e Inglaterra. Portugal vivenciou mais tardiamente tal processo, contudo, na segunda metade do século XVIII a preocupação com catalogar as potencialidades naturais das colônias com vistas a ampliar as receitas da

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo.

Coroa, favoreceu o surgimento de instituições científicas com foco na produção de conhecimentos úteis aos interesses régios.

De acordo com a historiadora Ângela Domingues (2001, p. 824), cientistas e funcionários criaram e sustentaram uma rede de informação que permitiu o Estado português setecentista conhecer de forma mais aprofundada e precisa dos seus domínios na Europa, Ásia, África e, sobretudo na América para reconhecer seus limites físicos assim como suas potencialidades econômicas. Amostras de todas as partes do Império Marítimo português chegavam a Lisboa, com diferentes propósitos, fossem vegetais, animais ou cartas topográficas de paisagens, buscava-se reunir artefatos que informasse sobre a riqueza das colônias.

As descrições e amostras dos produtos que confluíam dos vários pontos do Império destinavam-se não só à inventariação, catalogação e classificação das espécies, ou o reconhecimento das potencialidades naturais, como deviam contribuir para o desenvolvimento econômico do reino, para o incremento das indústrias, manufaturas e do comércio ou contribuir para a cura de doenças (SILVA, 1999, p. 13). Eram os associados da Academia Real que respondiam tanto pela coleta, quanto pela catalogação e proposição de alternativas de uso dos produtos inventariados. O resultado de tais propostas era apresentado em reuniões dos acadêmicos, em concurso promovidos pela Instituição e por meio de publicações (MUNTEAL FILHO, 1993, p. 183).

Para a realização desta pesquisa, voltaremos nossa análise para uma dessas publicações: O Fazendeiro do Brasil, melhorado na economia

rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fábricas, que lhe são próprias, segundo o melhor que se tem escrito a este assunto um compêndio copilado e publicado pelo frei José Mariano da Conceição Veloso (1742-1811).

A obra tinha como objetivo instruir agricultores brasileiros com informações que tratavam desde a fabricação do açúcar até ao cultivo de especiarias, a preparação de leite e derivados, ou as novas bebidas alimentares como café e cacau. Lançada no bojo do debate científico e da gestão da política colonial voltada para a exploração do mundo natural, a coleção se encontra disponível online pelo Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP). Interessa-nos, em especial, o tomo III, que trata de instruções referentes à produção de cacau. São 12 ensaios produzidos por 12 autores diferentes, totalizando 333 páginas.

Assim, elegemos como objeto as instruções relacionadas a produção de cacau. Cabe destacar que o comércio transatlântico desse produto já estava em andamento pelos espanhóis desde 1585. Contudo, o seu consumo se ampliou lentamente da Espanha para o restante da Europa. Foi no século XVIII que o chocolate se tornou, de fato, conhecido. O que provocou o aumento das importações de sementes de cacau da América (FLANDRIN, 1998, p. 615).

A ascensão e a aceitação relativamente rápidas desse novo produto despertaram o entusiasmo da comunidade internacional de intelectuais interessados em ciências naturais. Desde as técnicas de produção, as formas de consumo e as propriedades passaram a ser alvo de pesquisas e produções

escritas. A Sociedade Real de Londres chegou a desenvolver um novo programa científico para reconquista da natureza pautado na produção de novos alimentos como o cacau no século XVII (FRIEEDMAN, 2009, o. 217).

Primeiros contornos de pesquisa

Após o levantamento inicial da fonte, observamos como através da produção científica de conhecimento, e do incentivo à produção de cacau, ocorreu diretamente o aumento da produção do gênero e a ampliação de seu consumo na Europa. *O Fazendeiro do Brasil* é, portanto, um manual de cunho pedagógico que auxilia na produção do cacau nas américas, ensinando como plantar e quais condições são necessárias para o desenvolvimento do cacau. Esse empreendimento botânico aponta desde o caule, flor, folha e fruto do cacauzeiro, à terra e clima necessários ao seu plantio.

Esses escritos fazem parte de uma rede de informações que contribuía para o desenvolvimento econômico do reino, para o incremento das indústrias, manufaturas e do comércio, e até mesmo contribuir com a área medicinal.

Por ser um produto originário das américas, as colônias desse continente começavam a serem vistas como um grande curral. Porém, com um estudo mais aprofundado da fonte, percebe-se a tentativa de desenvolvimento do fruto em outras localidades, sendo possível observar cacaos de diversas espécies (a fonte aborda quatro ou cinco espécies

diferentes, porém descreve somente quatro delas). Isso traça um caminho diretamente ligado ao uso de especiarias e ao aumento do consumo do chocolate na Europa.

O próximo passo é dar continuidade ao processo de tratamento da fonte, expandindo assim os conhecimentos anteriormente apresentados, mapeando as principais técnicas difundidas no compêndio relacionado a produção de cacau. Queremos também explicitar ainda mais como as produções agrícolas nas colônias ajudavam a dinamizar a economia do reino, ocasionando o incentivo à produção do cacau, além do crescimento do consumo europeu do produto no período, naqueles locais os quais foram chamados “Chocolaterias”.

Referências:

Fonte:

VELOSO, José Mariano da Conceição. **O Fazendeiro do Brasil, melhorado na economia rural dos gêneros já cultivados, e de outros, que se podem introduzir; e nas fábricas, que lhe são próprias, segundo o melhor que se tem escrito a este assunto.** 11 v. Lisboa: Tipografia do Arco do Cego, 1798-1806.

Obras de Apoio:

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 3ª. Lisboa: Edições 70, 2004.

DOMINGUES, Ângela. “Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português

em finais do Setecentos”. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. VIII, 823-838, 2001.

FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. (Orgs.). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FREEDMAN, Paul. **A história do sabor**. São Paulo: SENAC, 2009.

KURY, Lorelai. “Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, v. 11, p. 109-29, 2004.

MUNTEAL, F. O. **Domenico Vandelli no anfiteatro da natureza: a cultura científica do reformismo ilustrado português na crise do antigo sistema colonial (1779-1808)**. Rio de Janeiro, 1993. Dissertação (Mestrado) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RAMINELLI, Ronald. **Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância**. São Paulo: Alameda, 2008.

SILVA, José Alberto Teixeira Rebelo da. **Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1834): ciências e hibridismo numa periferia europeia**. Tese (Doutorado em História e Filosofia das Ciências) – Universidade de Lisboa, Secção Autónoma de História e Filosofia das Ciências, Lisboa. 2015.